

TABULEIRO DE LETRAS

RESENHA

BUARQUE, Chico. *O irmão Alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Márcia Moreira Pereira¹

Soaria clichê afirmar que Chico Buarque se reinventa a cada nova publicação. A verdade é que o autor, ao lançar qualquer obra, já se torna alvo de destaque em todos os meios. Aos 70 anos e com letras musicais que dispensam floreios analíticos, Chico Buarque também se estabelece definitivamente como escritor literário.

Seu quinto romance, *O irmão alemão*, lançado em 2014, já arranca suspiros dúbios, seja de seu público cativo, seja dos críticos fervorosos de plantão. A obra estreia de modo particular, envolvendo algo que Chico sempre preservou, sua vida íntima, especificamente a existência de um irmão alemão, fruto de uma aventura de seu pai Sérgio Buarque de Hollanda, durante uma estada em Berlim da década de 1930.

O livro retrata, de modo verossímil e bem humorado, a busca do narrador pelo seu meio-irmão alemão. A procura se dá entre andanças, descobertas e aventuras pela cidade de São Paulo, até sua ida a Berlim, em busca do irmão, Serge. A questão familiar também é bem evidente em diversas passagens: a relação peculiar com o irmão mais velho; a dedicação à casa e os dotes culinários da mãe; o mergulho sempre profundo do pai no universo dos livros e sua influência na vida do autor: "Posterguei meu serviço, subi ao quarto e me recostei na cama curioso pelos livros novos, talvez os primeiros de toda uma vida que eu me permitia folhear sem terem passado pelas mãos do meu pai" (p. 217), diz o narrador a certa altura. Amigos desaparecidos e a busca angustiada por eles remetem ao regime ditatorial brasileiro, assunto presente na vida do autor e igualmente retratado nesse e em outro romance

¹ Mestre em Educação. Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Presbiteriana Mackenzie. marcia.moreirapereira@gmail.com

(Benjamim, 1995) de sua autoria.

Durante a leitura da obra, é praticamente impossível não se lembrar de várias passagens da vida de Chico Buarque. Por este e outros motivos, trata-se de uma obra de extração autobiográfica, na qual realidade e ficção se confundem, recurso muito presente na literatura contemporânea, mas um tanto inovador no conjunto da obra do autor. Além disso, em *O irmão alemão* pode-se dizer que há não um único, mas vários "Chicos", ali representados na multiplicidade de "situações" e motivos literários que povoam o romance. Não se tem, assim, apenas o Chico "família" em busca do irmão, mas em alguns trechos o Chico "poeta" também se impõe ("mas ainda que esteja aleijado para sempre, considero uma dádiva ter olhos de ver o céu azul, os fiapos de nuvem, o balanço das saias plissadas das meninas do Colégio Des Oiseaux", p. 100); em outros momentos, é o Chico "crítico-do-comportamento-humano" que se afirma ("compreendo que mamãe se ofendesse, mas depois de uma vida ao lado do meu pai, ela deveria ter aprendido que um homem com comichão por livros está sempre sujeito a perder a compostura", p. 183); enfim, o Chico "político", retomando um mote comum às suas canções, também está presente ("lá em casa não se falava pouco de política, se bem que meu pai, pelo que sei tendia a ideais socialistas. Não as expressava ultimamente em público decerto porque, como supervisor geral da Cambesp, era subordinado a um governador partidário do regime militar", p. 48).

O narrador, determinado e obsessivo por encontrar o irmão, vê a possibilidade de encontrá-lo em contato com o professor de piano, nos bilhetes escondidos nos livros do pai e na embaixada alemã. Essa busca é narrada por meio de sonhos, pequenos namoros, mentiras e tudo aquilo que um adolescente em dúvida pode fazer; depois de adulto, a busca continua, mas desta vez mais precisa, com sua ida a Berlim. É a partir de sua chegada ali que o leitor tem melhor dimensão do significado da procura do protagonista, em passagens de emoção contundente: "Mas à medida que a câmera fechasse sem Sergio, mais eu veria nele o rosto oblongo, o nariz de batata até os óculos do meu pai. Seria do pai sua maneira de pitar o cigarro retraindo os lábios e de atirar longe a bituca com um peteleco. E muito me engano ou seria meu o seu bico, quando ele pegasse a assobiar uma triste melodia, num silvo potente e preciso de que poucos são capazes como eu" (p. 226).

A aparente brincadeira de esconde-esconde entre irmãos – por parte apenas do narrador, é claro – passa a ser, ao final do livro, uma esperança ingênua e de grande beleza fraternal: "Depois me daria vontade de rir do seu jeito de andar, feito eu e meu pai, não muito diferente de um pinguim, ao som dos acordes russos de uma orquestra invisível. E me viria

um ciúme gostoso ao ver correr ao seu encontro aquela mulher de saia rodada, que seria a garota Maria Helena tal e qual. Por fim eu reconheceria não sei de onde os versos que ele cantaria para ela à beira do Rio Spree: *Dizem / Que em algum lugar / Parece que no Brasil / Existe um homem feliz*" (p. 226).

Ao final, cabe uma pergunta talvez surpreendente: o que mais os Buarque de Hollanda poderiam nos oferecer? Um talentoso irmão alemão?

Recebido em: 07 de julho de 2015.
Aceito em: 20 de novembro de 2015.